

DAS RAÍZES DO FASCISMO NO SÉCULO XXI: DIAGNÓSTICOS ESQUEMATOLÓGICOS¹

ROOTS OF FASCISM IN THE 21ST CENTURY: SCHEMATOLOGICAL DIAGNOSES

Gustavo Silva Saldanha²

Resumo: A pesquisa epistemológico-histórica remonta o esforço de fundamentação econômico-política, via teoria crítica, da construção da Ciência da Informação pela esquematologia de Robert Estivals no decurso de cinquenta anos de análise do desenvolvimento do neoliberalismo, culminando com a reflexão sobre a praxiologia informacional diante da crise capitalista de 2008 e o fascismo como motor da reconstrução cíclica do capitalismo. A esquematologia estivalsiana atinge, em 2010, a compreensão do papel do “fascismo” que serve para assegurar, na fase de recessão do liberalismo, a continuidade da existência deste e, pelas suas consequências, o nascimento de uma nova fase de crescimento de um novo ciclo capitalista, posicionando a epistemologia política da Ciência da Informação, seu método e sua teoria, como práxis epistemológica (ou, o agir cientificamente contra o extermínio). A teoria da extensão do extermínio demográfico e a intensidade das destruições materiais à luz da esquematologia permite-nos, como resultado, problematizar as categorias “política” e “economia” na formação do pensamento informacional.

Palavras-Chave: Economia política - Ciência da Informação; Robert Estivals; Teoria crítica; esquematologia; diagnóstico crítico.

Abstract: *As epistemological-historical research, the work dates back to the effort of an economic-political foundation in the Information Science's through. From a Robert Estivals's schematology critical theory in the course of fifty years of analysis of the development of neoliberalism, the study culminate with a debate on the informational praxeology in the face of the 2008 capitalist crisis and fascism as the engine of the cyclical reconstruction of capitalism. In 2010, the Estivalsian schematology reaches the understanding of the role of “fascism” that serves to ensure, in the recession phase of liberalism, the continuity of its existence, and by its consequences the birth of a new phase of growth of a new cycle capitalist, positioning the Information Science's political epistemology, its method and its theory, as epistemological praxis. The theory of the extent of demographic extermination and the intensity of material destruction in the light of schematology allow us to problematize the categories “politics” and “economy” in the informational thinking.*

¹ Texto submetido, avaliado, aprovado, apresentado, revisado e ampliado pós-XVIII ENANCIB 2023, Aracaju, Sergipe, Brasil.

² Doutor em Ciência da Informação. Pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT MCTI Brasil). E-mail: gustavosalदानha@ibict.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7679-8552>.

Keywords: *Political Economy - Information Science; Robert Estivals; Critical theory; schematology; critical diagnosis.*

1 INTRODUÇÃO: CARTAS PRAXIOLÓGICAS

La bibliologie, science de la communication écrite, qui remonte à la fin du 18è siècle pour sa théorisation initiale, doit faire face depuis deux décennies, comme toutes les sciences humaines a quatre défis principaux : la mondialisation ; la scientificité ; la politique ; Internet et la communication électronique (Estivals, 2009a, p. 7).

A pesquisa, de condição teórica, a partir de coleta bibliográfico-documental com foco na *Revue de Bibliologie* (inicialmente *Schéma et schématisation*), desenvolve reflexão sobre o diagnóstico de época do século XXI realizado pela teoria crítica informacional da escola esquematológica estivalsiana. Do projeto humanista-liberal de Gabriel Peignot (1802) à luta pela justiça social através dos mecanismos rehumanização da sociedade russa em Nicolas Roubakine (1998), a construção de uma praxiologia com foco na fundamentação econômico-política da Ciência da Informação (CI), o pensamento no campo atinge com Robert Estivals e a geração esquematológica a partir dos anos 1960, como revisado no olhar do pensador congolês Bobutaka (2010) e nos conceitos constituintes do campo em Couzinet (2011), um foco econômico-político orientado para a transformação social pela via da teoria informacional de base esquematológica, em diálogo com a revolução estética informacional, como visto em Moles (1968).

A proposta teórico-metodológica de Robert Estivals (1978, 1991, 1998, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2012) posiciona a CI como parte da oficina epistemológica de luta contra o massacre capitalista. Na véspera da década que avança para os cinquenta anos de teoria crítica no campo informacional, a partir das vanguardas dos anos 1960, via a obra estivalsiana e seus construtos, o diagnóstico dos fatos do entorno da quebra do Banco Lehman Brothers, comprovam o lugar epistêmico de análise, crítica, síntese e denúncia para ação. A posição, é, de todo modo, o desdobramento da teoria crítica

centenária de Nicolas Roubakine (1998) e o horizonte revolucionário do campo informacional, que influenciará diretamente o tratado epistemológico de Paul Otlet publicado em 1934.

No âmbito das cartografias da construção epistemológico-históricas da CI no século XXI, situa-se aqui a contribuição à teoria crítica do campo informacional, centralmente a constituição de uma economia política da informação, na obra e na práxis de Robert Estivals. Em outros termos, a produção do pensamento estivalsiano atravessa cinquenta anos no âmbito de uma praxiologia iniciada nas vanguardas dos anos 1960, chegando aos últimos vinte anos com os diagnósticos de época, via teoria crítica, baseada na práxis informacional, perante as consequências do neoliberalismo – ou ciclo de repetição do liberalismo clássico – centralmente na análise da crise de 2008 e do espírito fascista como *modus* de perpetuação do capital. Nesse âmbito, o estudo tem como delimitação de diagnóstico os acontecimentos de 2008 e 2009 via a leitura econômico-política de Estivals (2010a, 2010b) como parte da cartografia das ideias informacionais no e para mudança do século XXI.

Os resultados da pesquisa demonstram a formação de uma economia política sob a interpretação informacional da realidade a partir da teoria crítica em CI pela via estivalsiana, e a constituição de um modelo de diagnóstico de época, remontando as estratégias horkheimerianas de compreensão dos fenômenos sociais (Honneth, 1999), de dentro e para fora do campo informacional, para outras fronteiras disciplinares e perímetros geográficos, do Leste Europeu à África. O co-diagnóstico (análise e meta-análise) entre formação do neoliberalismo e a escola crítica esquematológica (a longa travessia de cinquenta anos de uma das mais fortes correntes de teoria crítica no campo informacional) demonstra a sólida edificação da economia política em CI e sua contribuição para a compreensão de nossos dilemas contemporâneos.

2 CARTAS: ENTRE O MÉTODO FREIREANO E A ESQUEMATOLOGIA ESTIVALSIANA

L'art de l'écriture et celui du dessin ont des rapports étroits. Par exemple: la miniature et l'ornementation médiévale (Otlet, 1934, p. 58).

O corpus da pesquisa foi constituído a partir das consultas ao Fundo Meyriat e ao Fundo Estivals, com foco na *Revue de Bibliologie* e sua doxografia. O primeiro responde pela coleção que tem Viviane Couzinet como legatária, disponível na *École Nationale Supérieure de Formation de l'Enseignement Agricole (Ensfea)*, em Toulouse, França. Completa o primeiro levantamento os dados coletados no *Centre de documentation et de recherche en sciences humaines et sociales (CDRSHS-UPS)* do *Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales (Lerass)*. O segundo Fundo consultado responde pela visita e coleta de dados no “museu da teoria crítica em Ciência da Informação”, como procuramos co-denominá-lo, ou, apenas, *Maison de l'Écrit*, em Noyers-sur-Serein, França, instituição criada por Robert Estivals, Danièle Estivals e os teóricos ativistas do movimento crítico no campo informacional francês a partir dos anos 1960, com grande repercussão no Leste Europeu e nas nações africanas que comungam da francofonia, que procura trazer o confronto e as relações entre as obras, por exemplo, de Nicolas Roubakine e Karl Marx para um modelo de diagnóstico informacional dos fenômenos sociais. Como aponta Bobutaka (2010), da *Université de Kinshasa, Congo*, a *Maison* representa o legado de uma vasta produção epistemológica constituída ao longo de cinquenta anos pelo trabalho de Estivals e o grupo de vanguardistas esquematológicos que vieram fundar e desenvolver o movimento crítico.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa, a partir de uma epistemologia histórica em CI, tece o diálogo com o modelo “carta”-“cartográfico” (entre cartas e mapas) no sentido “ambíguo” que a noção permite nas línguas latinas, acompanhando o raciocínio metodológico que atravessa o método expositivo-praxiológico de Paulo

Freire (1980, 1989, 1995), como a própria esquematologia estivalsiana (das cartas esquemáticas à comunicação científica como *locus* da luta, incluindo as missivas propriamente ditas, à súplica endereçada à François Hollande feita por Robert Estivals em 2012 perante os diagnósticos sobre o fenômeno de 2008 e 2009) (Estivals, 2012).

De um lado, sob sua práxis, Paulo Freire (1980, 1989, 1995) nos convida a compreender a função da carta como método. Em sua filosofia, em diferentes momentos, é tal método, estruturado no dedicar-se a escrever algo a uma pessoa específica, dirigir seu texto para outrem com foco na ação da palavra, sua mediação, seu contexto e a transformação da outra pessoa, a base para exposição de seus conceitos e de suas ações em educação popular. A filosofia freireana se apresenta, assim, em cartas como aquelas dirigidas às pessoas animadoras de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe, às pessoas professoras brasileiras, às pessoas leitoras das mais distintas crenças e formações.

Do outro lado, o aspecto da problemática metafórico-ferramental da “carta”, para além do dedicar-se à pessoa destinatária, está no gesto figural do esforço espacial: mapear ou criar cartografias daquilo que se fez o feito e do potencialmente, via dados científicos, previsível. O gesto segundo nos leva à cartografia epistemológico-histórica das ideias em CI, do passado ao século XXI, chegando às análises informacionais da contemporaneidade capitalista – a esquematologia estivalsiana propriamente dita e seu modo de diagnosticar a economia política de um tempo. O exercício metodológico tem, pois, nos propiciado rever as diferentes concepções do campo informacional perante os dilemas da realidade social.

O exercício dos mapas desdobra-se da própria tradição cartográfica em CI, como realizada em Rafael Capurro (1992, 2003), bem como as aplicações lançadas em Bozzetti e Saldanha (2017), “Jesse Shera, *the wars and the pietá: social epistemology as criticism of information ontology*”, em Saldanha e Menezes (2018), no trabalho “O

mapa angelicó de Rafael Capurro de través: cartografias da Epistemologia da Ciência da Informação”, como também em Saldanha e Mata (2019), no artigo “O discurso biobibliográfico em Gabriel Peignot: notas sobre o sujeito e o autor na Modernidade bibliológica”, bem como em “*Un portrait de Robert Estivals au miroir de la Revue de Bibliologie : des chemins théoriques pour une réflexion historique*” (Saldanha, 2020).

O projeto de pesquisa que resulta na presente exposição está ancorado, pois, de um lado, na concepção de cartografia dos saberes, a partir da perspectiva de descrição quanti e qualitativa da realidade epistêmica, entendida como o “urbanismo do conhecimento”; do outro lado, na esquematologia como modo informacional, de robusta tradição epistemológica em CI, constituída entre Nicolas Roubakine (1988), Paul Otlet (1934), Suzanne Briet (1951), chegando até a geração sessentista de Robert Estivals, no contexto das vanguardas estético-políticas de crítica ao liberalismo perante as formas de homogeneização e massacre econômico-social do capital. A pesquisa sobre a teoria crítica em CI constituída para o estudo responde, ainda, pelo exercício de revisão da doxografia tecida entre Nicolas Roubakine e a escola esquematológica estivalsiana em Saldanha (2019a, 2019b, 2020) e Saldanha e Salomão (2021, Salomão; Saldanha, 2021, 2022), ou seja, o interstício do final do século XIX aos anos 1960.

3 DA ESQUEMATOLOGIA E DO PENSAMENTO DE ROBERT ESTIVALS: DIAGNÓSTICOS, TEMPO E CRÍTICA

La description schématique ou iconographique des documents élargit de plus en plus son champ d'action (Briet, 1951).

O percurso de uma teoria crítica da formação informacional entre França, Leste Europeu e África atravessa as rotas do cinquentenário do questionamento de uma economia política do conhecimento registrado e as lutas de classe (Estivals, 1978). Dada a travessia cinquentenária de desenvolvimento de uma teoria crítica para os estudos informacionais, a produção teórico-política estivalsiana dobra o século

diagnosticando as novas formas do capitalismo, agora no território digital. Estabelece-se, com o movimento, uma filosofia da práxis dentro do campo informacional – no mesmo sentido descrito por Maria das Graças Targino (1997) – o que encontramos na corrente econômico-política de estudos informacionais via esquematologia se dá a partir de uma teleologia manifesta, a corrente vanguardista contestatória estivalsiana coloca a ciência a serviço da luta social e da mudança através da operacionalização e aplicação de conceitos – centralmente, via a unidade dialética do conceito de “esquema”. O percurso epistemológico segue, pois, aqui, o caminho oposto ao afastamento de construção hegeliano-marxiana observado por Solange Mostafa (1985) na crítica à construção econômico-política da CI. Ao contrário, a esquematologia questiona o cientificismo informacional e avança para a interpretação e a ação sobre o *devoir* de cada época histórica, como o fará o olhar estivalsiano sobre os acontecimentos de 2008 e 2009.

Como nos diz Axel Honneth (1999) sobre Max Horkheimer e a formação da escola crítica novecentista, alguém suficientemente positivista para reconhecer o valor das ciências especializadas e o diálogo entre o quadro reflexivo já produzido na teoria social com ou sem a dialética como estrutura inicial de questionamento era necessário para a construção de uma dada escola para diagnósticos dialéticos. Também em CI é a partir de uma estrutura crítica de base estatístico-praxiológica que o pensamento estivalsiano se debruça. Trata-se da centenária produção de Nicolas Roubakine (1998) e sua compreensão psicológico-social de co-formação das massas na interação com meios de comunicação (Saldanha; Salomão 2021; Salomão; Saldanha, 2021, 2022). Quando a teoria crítica da escola esquematológica se estabelece nos anos 1960, a obra roubakiniana já avançava para além de setenta anos de produção, como revisado em Saldanha (2019c), chegando ao ano de 1922 com seu tratado clássico de análise e de crítica da realidade com foco na justiça social pela via da leitura, mesmo contexto

temporal em que, em Frankfurt, se estabelecia, conforme aponta Honneth (1999), a ambiência para construção da tradição crítica.

Apesar das transformações relacionadas aos serviços especializados de documentação, a filosofia de Estivals (1981) reconhece que, mesmo no mundo computadorizado, o escrito permanece preponderante como sendo informação para empresa. Deriva dos estudos bibliológicos de Estivals (1981) uma visão sobre a descrição esquemática do conhecimento, que permitiriam uma dinâmica mais ampla a estes serviços. Como visto em Saldanha (2015), na “arqueologia filosófica” do esquema – como conceito e método – tanto Otlet (1934) quanto Briet (1951) já haviam atentado para o que a visão estivalsiana tratará de “esquemática”:

La description schématique ou iconographique des documents élargit de plus en plus son champ d'action. Les catalogues collectifs commencent à intéresser des aires géographiques qui rejoignent parfois les aires linguistiques. Certains ont atteint des proportions continentales. On peut prévoir qu'avec ou sans normalisation des notices, ou aura dans un temps qui ne sera pas très éloigné, la possibilité d'orienter internationalement les chercheurs de documents (Briet, 1951).

A esquematização, na epistemologia de Otlet (1934), está relacionada ao ato de condensar, abreviar e simplificar os saberes formulados. Em Briet (1951), “*Un schéma devenu classique parmi les documentalistes a rendu sensible aux yeux et à l'esprit les trois plans sur lesquels se réalise peu à peu le réseau international de la documentation*”. A visualização mediante o desenvolvimento de meios instrutivos de representação, principalmente os meios que o advogado belga chama de esquemáticos, representam parte do método de construção destes processos de facilitação da assimilação e, no olhar de Robert Estivals (1978), em um modo de compreensão da dialética de conformação do mundo e a luta de classes, parte da construção do diagnóstico de época em todas as suas etapas. Sob influência objetiva do contexto contestatário do “maio de 1968” (Touraine, 1998), com a corrente

estivalsiana, de 1960 aos anos 2010, os esquemas são colocados à serviço da compreensão crítica da realidade e da denúncia da desigualdade. O método esquematológico é revisado, nesse âmbito, da crítica à teoria, da teoria à crítica, em sua geração vanguardista os anos 1960 e 1970, por Popov (1977).

Os modelos críticos de interpretação da realidade pela via esquematológica seguir-se-ão nos cinquenta anos de produção até a década de 2010. Como observa Popov (1979), na releitura da esquematologia em Victor Zoltowski (teórico central para o desenvolvimento da escola esquematológica crítica), se na teoria marxiana as superestruturas intelectuais coletivas são resultado de infraestruturas econômicas, a reflexão sobre o esquema zoltowskiano demonstra, a partir do conhecimento registrado, a relação dialética entre emancipação e leitura (retomando as premissas roubakinianas da virada do século XIX para o XX). Reúne-se, pois, aqui – como tecido via Escola de Frankfurt, como demonstrado em Honneth (1999) – um movimento entre disciplinas, da psicologia à cibernética, da política à economia, da estatística à arte, colocadas, tais disciplinas, em diálogo para o diagnóstico da realidade social.

A partir de 2008, o pensamento esquematológico de Robert Estivals se orienta diretamente, com a metodologia sociocrática em CI, para a crise econômica internacional iniciada nos Estados Unidos da América. O pesquisador francês realiza nesse percurso a retomada posição política do campo informacional tecida por Nicolas Roubakine, desde o final do século XIX, centralmente contra os fenômenos da desigualdade e da construção social da ignorância produzidas pelo “espírito” do capitalismo (Weber, 2004), no contexto do acesso, do uso e da apropriação do conhecimento registrado. Os diagnósticos roubakinianos, que levaram o epistemólogo russo à expulsão da Rússia czarista na década de 1910, são retomados pelo pensamento estivalsiano como forma de previsão e de práxis para as

consequências trágicas do ciclo das crises do capitalismo retomado em seu estágio de massacre na década de 2000.

Como rememora Estivals (2010a), a crise econômica do liberalismo estabelecida entre setembro e outubro de 2008 e março de 2009 vincula-se à superprodução de moradias nos Estados Unidos da América, passando da crise imobiliária à crise financeira, até a intervenção dos estados capitalistas. Estivals (2010a) discute, a partir do próprio contexto, o “fascismo” como motor político do liberalismo.

O diagnóstico das aplicações dos recursos fascistas pela via dos esquemas não existe nitidamente, no olhar estivalsiano, na fase de crescimento do ciclo liberal por Kondratiev (estruturalmente, a) expansão, c) estagnação e d) recessão).

Dentro das fases da crise, Estivals (2010b, p. 163) sintetiza as etapas:

a) 1ª fase: antes de setembro de 2008: O fim da ascensão do ciclo Kondratiev.

A superprodução de Subconsumo imobiliário e doméstico americano;

b) 2ª fase: último trimestre de 2008: A primeira crise financeira;

c) 3ª fase: final de 2008 1º trimestre de 2009: Intervenção estatal;

d) 4ª fase: 2º e 3º trimestres de 2009: A recuperação financeira;

e) 5ª fase: 4º trimestre de 2009: Dívida do Estado e a segunda crise financeira;

f) 6ª fase: 1º trimestre de 2010: A crise social e política.

Estivals (2010b), apontava que aquela crise ali antevista pela esquematologia no sistema capitalista era resultado da polarização do subsistema financeiro via método sistemático da cadeia, no vetor “finanças”, “negócios”, “produção”, “distribuição”, “consumo”. Da crise da Grécia à ascensão do regime fascista na Hungria, a relação entre superprodução financeira e o empobrecimento da população abre caminhos para ampliação da desigualdade e do ódio aos sistemas políticos de representação democrática – ou a substituição dos frágeis projetos de social-

democracia por formas de poder fascista. As faces do fascismo vêm à superfície com o projeto armamentista e a guerra propriamente dita, com destruição material e humana. O diagnóstico para a década trágica por vir, 2010, é, pois, aqui tecido.

4 CARTAS AO MÉTODO DO FASCISMO NAS CRISES DO LIBERALISMO: DIAGNÓSTICO E PRÁXIS ESQUEMATOLÓGICA PARA A DÉCADA DE 2010

Le patron de l'opération, le "dictateur", sera adoré comme le messie
(Estivals, 2010a, p. 149).

Reconhecendo terminologicamente o fascismo como regime estabelecido na Itália de 1922 a 1945 e baseado na ditadura unipartidária, exaltação nacionalista e corporativismo, Estivals (2010a), pela via da esquematologia, aponta para o *modus operandi* fascista como parte essencial e mais longa das fases de recessão do ciclo liberal, tendo em vista o olhar sobre o desdobramento da quebra do Banco Lemman Brothers. No plano de uma organização de fases ou etapas de construção das crises como estrutura do liberalismo, revisando as análises kondratievianas, Estivals (2010a) aponta para:

- a) A superprodução da fase de crescimento e subconsumo, governo liberal de direita, como o caso do Presidente Hoover, republicano, nos Estados Unidos dos anos 1920;
- b) a social-democracia, ou crise manifesta pela criação do desemprego, descontentamento social, como, por exemplo, o caso de Ebert e a República de Weimar na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial;
- c) o nascimento formal (ou retorno triunfal) do fascismo como resultado do agravamento da crise econômica e social, com a solução militar, incluindo dimensões paramilitares, como um dos modos de forma de manutenção do liberalismo.

A forma dos esquemas de mundo – na esquematologia entre *schème* (estruturas mentais) e *schéma* (estruturas visuais) – está na base da argumentação do “messias”, ou seja, *“Le nationalisme, ‘l’identité nationale’, ‘l’Union sacrée’ ont pour but d’unifier la nation, toutes classes confondues, em écartant ainsi la lutte des classes. Le national-socialisme vise aussi à réduire les effets de la crise par diverses politiques de grands travaux collectifs”* (Estivals, 2010a, p. 149).

Desta maneira, o fascismo constitui:

[...] sur le plan méthodologique, um véritable tour de passe-passe astucieux. Face à une population globale formée dès l’enfance par l’éducation aux critères de la nation et du nationalisme, de religion et de divinité à qui l’on se soumet, et d’ordre social, il apporte une solution conservatrice à la crise du capitalisme et sous sa direction. Le patron de l’opération, le “dictateur”, sera adoré comme le messie (Estivals, 2010a, p. 151-152).

Na compreensão esquemático-dialética de Estivals (2010a), o regime da oligarquia parlamentar se constitui na elaboração do capitalismo como sua forma de “governo ideal” até o momento do ciclo das crises. Sob a constituição de uma ideologia nacionalista com foco na dissimulação da luta de classes, fases seguintes apontam para o reconhecimento deste Estado Nacional “ideal” e “salvador” não como fruto da emancipação da sociedade, mas metafísica salvadora que “banca” a crise com pretensão recurso próprio (no fundo, a própria moeda acumulada da exploração social e da balança comercial da desigualdade), passando-se à fase da expansão militar – a solução da guerra – fundamentada na teoria do espaço vital (novos territórios para exploração de bens minerais e informacionais junto à força de trabalho escravizada e/ou em condições análogas à escravidão).

O modelo fascista da Hungria neste contexto revela os arquétipos do esquema totalitário na ascensão do fascismo no século XXI. Pela via do discurso democrático, as eleições levaram os fascistas ao poder parlamentar, assim como ocorrera com Mussolini em 1922 e Hitler em 1933. Nas estruturas do esquema húngaro estão a

militarização do discurso de poder, a estética nazista, o *pathos* ultranacionalista, o racismo, e o uso do sagrado (Deus) como superestrutura ideológica para mobilização das massas (Estivals, 2010b).

Robert Estivals (2010b) observa que, entre 2008 e 2009, no decurso dos 17 (dezessete) meses de desenvolvimento (como método) da crise do neoliberalismo, repete-se a encenação das primícias do fascismo nos anos 1920. Autocriticando os riscos do relativismo da hipótese, guardados os contextos de cada espaço-tempo, o olhar estivalsiano se pergunta, no escopo dos estudos informacionais, se, comparativamente à crise de 1929, um diagnóstico de época poderia apontar para a sombra dos massacres do fascismo nascente, agora, no ano de 2010.

Estivals (2010a) aponta aqui, pois, para a teoria da extensão do extermínio demográfico e a intensidade das destruições materiais. Em outras palavras, tudo parece acontecer como se houvesse uma correlação sinistra, mas real, entre o fracasso e o sucesso, por um lado, as estatísticas de mortes e a destruição de bens, em particular imóveis, por outro, incluindo a política armamentista local. Como retomado via o olhar estivalsiano, as revoluções internas do século XIX, 1830, 1848, a Comuna de Paris em 1871, resultaram em um número de mortes inferior a cem mil; as guerras imperialistas e internacionais de fundamentação liberal causaram mais de oito milhões de mortes entre 1914 e 1918 e mais de cinquenta milhões entre 1938 e 1945.

A teoria dos ciclos econômicos observada por Estivals (2010b) a partir da quebra do Banco Lemman Brothers indica a correção do Ciclo Kondratiev ao longo dos cinquenta anos de neoliberalismo, apontando para o caminho da função do fascismo como solução, jubileu acompanhado pelo desenvolvimento da escola crítica em CI denominada esquematologia. Estivals (2010b) demonstrava ali, pois, o caminho de ascensão do fascismo na década de 2010 como fruto do desdobramento das análises esquematológicas realizadas entre outubro de 2008 a março de 2009. Das primaveras

fascistas ao junho de 2013 no Brasil, o falso movimento democrático ou de representação social consolidar-se-ia como o factóide messiânico do capitalismo perante a guerra e o massacre das pessoas exploradas (as minorias, as maiorias minorizadas, as classes em luta, as interseccionalidades) como forma de sobrevivência do Estado, metafísica do *ethos* do capital.

Assim como a crise do subconsumo levou ao declínio do vetor do Ciclo Kondratiev, da crise bancária à intervenção do Estado, passamos pela recuperação que criou uma ilusão, e que traz de volta com a dívida do Estado, a crise social e política. O parlamentarismo de direita cedeu ou está em vias de ceder ao discurso da social-democracia. Esta, porém, na análise estivalsiana, atenua os problemas sociais da crise (por exemplo, com políticas econômico-sociais emergenciais), sem os fazer desaparecer. O recurso, pois, sob o discurso das precárias políticas para situações incontornáveis produzidas metodologicamente pelo capitalismo é o fascismo, ou seja, o mesmo se torna inevitável (Estivals, 2010b).

A reflexão de Estivals (2010a, 2010b) sobre os acontecimentos de 2008 e 2009 apontam para o espelho da história do capitalismo e a esquemática de sua reconstituição como teatro do massacre. O recurso a seguir é anular as contradições no corpo do discurso nacionalista e negar, à força, do discurso ao armamento das classes alienadas, as margens de possibilidade de uma democracia popular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A GRANDE NOITE E A CORRIDA ANTI-EPISTEMICIDA

Une certitude: la pensée libérale, parce que partisane, après avoir éliminé, dialectiquement sa contradiction radicale et marxiste n'est pas capable de proposer sans les accomplir des réformes de son système. Un système en déséquilibre ne se réforme pas de l'intérieur. Un jour, l'humanité avide d'égalité, de paix et non plus de liberté esclavagiste devra changer radicalement de système et d'organisation de la société selon le principe d'une économie au service de l'homme et non plus de l'argent et selon le

principe d'une politique de démocratie populaire et non plus d'oligarchie
(Estivals, 2010b, p. 180).

A reflexão teórica demonstra que, no plano da epistemologia histórica, a cartografia das ideias em CI aponta para a resistência do pensamento crítico, cem anos depois das teses roubakinianas e a corrente crítica do pensamento informacional russa da década de 1920. A teoria da extensão do extermínio demográfico e a intensidade das destruições materiais à luz da esquematologia sob o diagnóstico econômico-político de 2008 e 2009 permite-nos, como resultado da pesquisa, problematizar as categorias “política” e “economia” na formação do pensamento informacional.

O diagnóstico de Robert Estivals (2009a, 2009b, 2010a, 2010b) sobre o fenômeno da crise capitalista de 2008 permitem-nos apontar para:

- a) A centralidade política da pesquisa informacional; o exercício de observar o real pelas lentes informacionais como força de contradições já fora feito, no plano da teoria crítica do campo, em Nicolas Roubakine nos anos 1920; a produção de Robert Estivals e de sua geração atesta outro percurso duradouro de reflexão crítica sobre a realidade via ferramentas do próprio campo, da CI, para o diagnóstico dos problemas sociais;
- b) a construção de um modelo, via teoria crítica, de diagnóstico de época a partir da esquematologia, não como processo de singularização e cristalização de um dado espaço-tempo, mas a partir de uma longa tradição de co-constituição de uma leitura dialética, como o caso da expressão estético-política das vanguardas sessentistas que desembocam nas análises da crise de 2008 pelas lentes estivalsianas;
- c) a emergência da corrida anti-epistemicida perante o alerta do diagnóstico no processo cíclico de militarização e de violência declarada que resultam no

massacre como método de culpabilização da pobreza como entidade isolada da engrenagem do pensamento liberal;

- d) a capacidade das lentes informacionais (a construção epistemológico-histórica em CI) em acompanhar e diagnosticar, junto de outros campos científicos, as crises do capitalismo e suas consequências sociais;
- e) a emergência co-constitutiva do diagnóstico de época estivalsiano e a realidade neoliberal no contexto da primeira metade do século XXI como denúncia exposta cientificamente para tomadas de decisão e posicionamento nas décadas vindouras.

Por fim, os diagnósticos esquematológicos do jubileu da teoria crítica de fundo estivalsiano nos levam ao alerta dos riscos da anistia (política, jurídica e moral) como *modus* de sobrevivência e rearticulação das formas religiosas (os laços de constituição da culpa e do terror como partilha da “tragédia da sombra comunista”), ou o *ethos* capitalista, didaticamente ilustrado na teoria weberiana, nas décadas seguintes, 2010 e 2020. Tal anistia aos feitos do processo fascista como etapa subjacente da reconstrução das estruturas liberais é a denúncia final legada pela teoria estivalsiana ao cenário dos anos a seguir. A abertura das consciências para o contexto que Estivals (2010b) chama de “a grande noite” deixa-nos o legado dos resultados já vivenciados na década de 2010 e o risco de seus desdobramentos nos anos em curso, ao lado da esperança crítica da emancipação na corrida anti-epistemicida ou, em suas palavras, “*Ce changement radical dans la conscience populaire s’appelle LE GRAND SOIR*” (Estivals, 2010b, p. 180, grifo do autor).

REFERÊNCIAS

BOBUTAKA, Bob. Noyers-sur-Serein: centre de la Bibliologie et la Maison du Schématisme. **Revue de Bibliologie**, [s. l.], n. 72, p. 65-76, 2010.

BOZZETTI, Rodrigo Porto; SALDANHA, Gustavo. Jesse Shera, the Wars and the Pietá: social epistemology as criticism of information ontology. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, Marília, v. 11, n. 2, p. 79-87, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6681>. Acesso em: 10 set. 2024.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Técnicas, 1951.

CAPURRO, Rafael. What is information science for? a philosophical reflection. *In*: VAKKARI, Pertti.; CRONIN, Blaise (ed.). **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. Tampere: Taylor Graham Pub, 1992. p. 82-96.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia y ciencia de la información. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 10 set. 2024.

COUZINET, Viviane. Des pratiques érudites à la recherche: bibliographie, bibliologie. *In*: GARDIÈS, Cécile. **Approche de l'information-documentation: concepts fondateurs**. Toulouse: Cédaduès-Éditions, 2011. p. 167-186.

ESTIVALS, Robert. Luttés de classe et schématisation. **Schéma et schématisation**, [s. l.], n. 9, p. 5-10, 1978.

ESTIVALS, Robert. A Dialética contraditória e complementar do escrito e do documento. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 121-152, set. 1981. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36384/28475>. Acesso em: 10 set. 2024.

ESTIVALS, Robert. Les systèmes politiques et la communication écrite. **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, [s. l.], n. 34, p. 7-13, 1991.

ESTIVALS, Robert. Preface. *In*: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: AIB, 1998. v. 1. p. 3-5.

ESTIVALS, Robert. Préface - De l'avant-garde à un art anticapitaliste. **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, [s. l.], n. 71, p. 15-22, 2009a.

ESTIVALS, Robert. De la fin du post-modernisme et de l'art-fric a un art anticapitaliste? **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, [s. l.], n. 70, p. 105-124, 2009b.

ESTIVALS, Robert. La fonction du "Fascisme" dans la phase de récession du cycle libéral et capitaliste. **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, [s. l.], n. 72, p. 147-159, 2010a.

ESTIVALS, Robert. La crise du Libéralisme de 2008: étude rétrospective et prévisionnelle. **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, [s. l.], n. 72, p. 161-180, 2010b.

ESTIVALS, Robert. Supplique; Adressée à monsieur François Hollande president de la République Française. **Revue de Bibliologie: Schéma et Schématisation**, [s. l.], n. 77, p. 2-3, 2012.

FREIRE, Paulo. Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe. In: BRANDÃO, Carlos (org.). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 136-196.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

HONNETH, Axel. Teoria crítica. In.: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999. p. 503-552.

MOLES, Abraham. Théorie informationelle du schéma. **Schéma et schématisation**, [s. l.], n. 1, p. 22-33, 1968.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10705>. Acesso em: 10 set. 2024.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Editiones Mundaneum, 1934.

PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de bibliologie**. Paris: Chez Villier, 1802. t. 1.

POPOV, Michel. Schéma et Schématisation (1966-1976): quelques tendances. **Schéma et Schématisation**, [s. l.], n. 7, p. 31-36, 1977.

POPOV, Michel. Réflexion sur la théorie des cycles chez Zoltowski. **Schéma et schématisation**, [s. l.], n. 11, p. 86-90, 1979.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: AIB, 1998. v. 1.

SALDANHA, Gustavo Silva. O esquema e as formas simbólicas: uma 'arqueologia filosófica' do esquema no pensamento bibliológico. **Tempo Brasileiro**, [s. l.], v. 203, p. 79-102, 2015.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-24, 2019a. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/477/459>. Acesso em: 10 set. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em ciência da informação. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo; SALDANHA, Gustavo Silva. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019b. p. 171-240.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019c. p. 1-14. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1089/529>. Acesso em: 10 set. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva. Un portrait de Robert Estivals au miroir de la Revue de Bibliologie: des chemins théoriques pour une réflexion historique. **Les Cahiers du**

Numerique, [s. l.], v. 16, p. 15-33, 2020. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-les-cahiers-du-numerique-2020-1-page-15?lang=fr>. Acesso em: 10 set. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva; MATA, Diogo Xavier da. O discurso biobibliográfico em Gabriel Peignot: notas sobre o sujeito e o autor na modernidade bibliológica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, p. 159-175, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92421>. Acesso em: 10 set. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva; MENEZES, Vinícios Souza de. O mapa angelicó de Rafael Capurro de Través: cartografias da epistemologia da Ciência da Informação. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, Marília, v. 12, n. 3, p. 7-21, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/7915>. Acesso em: 10 set. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva; SALOMÃO, Amanda. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 1: a new approach to adult literacy programs. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/download/413/429>. Acesso em: 10 set. 2024.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 2: Literacy programs that 'gestate a world'. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/download/414/430/619>. Acesso em: 10 set. 2024.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A teoria da leitura nas vidas de Sylva Simsova: reflexões biobibliográficas. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ENANCIB, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiienancib/paper/viewFile/1052/813>. Acesso em: 10 set. 2024.

TARGINO, Maria das Graças. Praxis bibliotecária. **Informação & Sociedade**, [s. l.], v.7, n.1, p.26-33, jan./dez. 1997. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/352/1599>. Acesso em: 10 set. 2024.

TOURAINÉ, Alain. **Le mouvement de mai ou le communisme utopique**. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Viviane Couzinet, Daniele Estivals, Robert Estivals pelo acesso à documentação dos fundos Meyriat em Toulouse, França, e Fundo Estivals, em Noyers-sur-Serein, França.

FINANCIAMENTO

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 tpbci@ancib.org

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)

 [@ancib_brasil](https://twitter.com/ancib_brasil)